

A LAGRIÇA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

A IGREJA DE SANTA MARIA DO ABBADE

O José Maria Paes estava impaciente, devido á nossa falta de pontualidade.

Quando chegamos ao pé d'elle, o Julio Vallongo e nós, já estava de atalaia, segurando as re-

o seu cruzeiro corynthio, abandona a gente o macadam para topar a meia duzia de passos com a Igreja de St.^a Maria do Abbade, musgosa e triste.

Armada a macliina photographica, apanha o Julio o edificio religioso e annexa torre, hoje aqui reproduzidas em photogravura.



deas e espevitando o burrico com uns acenos de chicote.

Subimos para o seu *cabrioleto*, que de prompto se escapou pelas Beatas fóra, larga estrada real, que gibóia até Valença.

Aos nossos lados alastram-se columnas cerradas de pinheiros, esquadream-se campos com arvores entaçadas de vides, e, de onde a onde, as casas brancas aninham-se garridamente entre agradável verdura.

Depois de poucos minutos, deixado o Fayal com

E' a Igreja de St.^a Maria uma das mais antigas do concelho do Barcellos; diz a tradição que foi fundada por D. Mafalda, e n'uma pedra lê-se a data—1190.

A Igreja pouco apresenta de notavel na architectura; a entrada principal, em arcaria romana, ó salpicada de caracteres bysantinos, que tambem se espalham pelo exterior das paredes; no interior do corpo principal destacam-se junto do arco cruzeiro, dous altares lateraes de estylo romano moderno, de grande valia, e... um estuque a tre-

A LAGRIMA

sandar a sala de visitas commum de reitor pobre em perfeito contraste com o todo architectonico.

Ao lado esquerdo do templo apruma-se uma torre quadrangular, semi-medieval, da qual ha passadiço para o côro da Igreja.

A torre, cujo eimo não é primitivo, serve de sineira; o fim para que foi construida não o sabemos, nem nada encontramos que nos oriente, apesar de revolvermos a bibliotheca da Camara; na torre do Tombo, disse-nos o exm.^o sr. dr. Almeida Ferraz—que entre nós occupa um distincto e louvavel logar como investigador de historia barcellense—deve existir luz que nos guie.

A Igreja e torre de St.^a Maria do Abbade são dignas de conservação. o seu tom escuro, manehando agradavelmente a paisagem, dá-nos um tom pinturesco, que até de Barcellos se observa regalosamente.

No adro ha bastantes sepulturas antigas, uma das quaes é do seculo XVII, em que se vê um cavalleiro armado.

Agora, leitor, abandona as tuas labutações e locubrações, anda comigo, á razão de três vintens por cabeça, n'uma tipoia, vê o *legado da sardinha*.

Repara como os carros se enfileiram e rodam, e como os pioneiros se reúnem e marcham.

Encaminha-se a villa despreoccupada em demanda de St.^a Maria.

Queres saber amigo ou amiga que diabo é o *legado*?

Um pandego amigo da pobreza, nas horas de ocio, testou uma dada quantia para que no mez de outubro de todos os annos se distribuisse uma sardinha e uma fatia de pão em troco de padre-nossos.

Ha gente eleita para esse fim, cuja lista, para o futuro anno, é um individuo com calça de saragoça e em mangas de camisa rameada, authenticamente, muito senhor de si e do seu ventre arredondado que parece escapar para fóra do fato.

Muito antes da hora da *distribuição*, na casa da Meza, hymalaiam-se fatias de pão e cardumes de sardinhas fritas.

O adro repleto.

Muitas mulheres e homens, de todas as classes sociaes, desde o sapateiro endomingado, em goso de féria, até o fidalgo varrido de empafia, enjas costas, em arco de rabeça, vergam.

Psii! Psii!

Reza-se: ao lado a cruz de prata; a voz da oração canta pesada e pausadamente padre-nossos, que são correspondidos por meia duzia de velhas tabaqueiras, que olham para a cova, enquanto que o rapazio, guloso, ávido por pão e sardinha, em bandos quebra o silencio des já lo com gritaria ensurdecedora.

—*«Psii! Psii! Desapproximem-se pr'o ludo; e todos p'a dentro do adro.»*

Eia que *charivaril!*.. o que custa distribuir o *legado!*.. por fim vêm as canastras de sardinhas, os cestos de pão e a distribuição opera-se com difficuldade.

Os carros correm para a villa, os pioneiros tambem correm; o sol já largou o seu ultimo adeus luminoso

E tu, leitor amigo, fumas um cigarro, satisfeito de ver a distribuição do *legado*, que produziu em ti residuos poeticos na tua alma trovadora e menestresca.

Voltando atraz.

Deixa-nos leitor em casa do José Maria Paes, n'uma intimidade captivante, em companhia do Julio, aquelle rapaz alegre que conheces, ao menos por tradição, e na do abbade de St.^a Maria do dito; deixa-nos gosar a alacridade, unica, das graciosas creanças que rolem a meza, onde o José Maria, pae d'ellas, nos surprehenle com um magnifico jantar, artisticamente cosinhado, pela sua bja companheira

A. SOUZA SAUX.

DE ATALAIA

Atassalhar, abocanhar, arrastar, macular, inquinhar a honorabilidade do individuo é acção que merece severa reeriminação, senão castigo compassado nos damnos que causa.

A honorabilidade, uma vez posta em duvida na bocca immunda da gentalha, é como o gaz dos pantanos que, elevando-se mansanamente, dissimuladamente, vem envolver-nos nas suas ondas pestíferas, mortaes, vem traçoceiramente asphixiar-nos envenenando-nos o sangue.

E' isto, infelizmente, o que não comprehende certa parte da nossa sociedade, que, se compraz em repercutir reforçando em gravidades os ataques á honra, tripudiando descaradamente sobre os destroços da vida intima, posta em farrapos por esses gratuitos diffamadores.

Este vicio, este symptoma irrecusavel da baixexa de character precisa ser combatido, e combatido sem rodeios, dêa a quem dêr.

D'este posto, como a sentinella da atalaia, vigiaremos o campo, e ai d'aquelle que descobrirmos empregado em trabalho de sollapar o mais sagrado dos odifícios:— a honra.

EGAS SYLIO

No VI anno

Entra a «Lagrima» no seu sexto anno!..

Mais um anno que fica para traz, passado entre risos argentinos de *bimba* traquina, bulçosa, na exuberancia da vida, que o sangue bom e generoso, cahido da penna de gentis collaboradores nas suas paginas lhe tem emprestado.

A elles e aos seus assignantes vem a «Lagri-

A LAGRIMA

na» agradecer o prestante concurso que lhe tem sido offerecido, e, testemunhar o empenho que tem em manter o seu programma, em agradar sem curvar a cerviz, em ser altiva sem orgulhos tolos.

O 30 reis depois que abandonou o officio de sapateiro para se fazer um dandy escorreito, começou de empregar phrases do puro gosto:

—«A banda Barcellense, dizia ha dias, vac tocar n'uma *maquina* que vac haver na Camara.»

Na primeira *matinée* que se realize n'esta villa, já sabem, o 30 reisprehenderá distinctamente um numero do programma dizendo estrophações de francez.

«Hontem foi um cidadão, hoje é um soldado, amanhã será um heroe, e depois um martyr.»

Tem paciencia e resignação diante do instructor deshumano que lhe dá biqueiradas nos calcandares para lhos unir, e sóccos no queixo para lhe endireitar a cabeça.

Recorda com saudade o marneleiro que deixou lá na aldeia, atraz da porta, que tão bem sabia manejar em occasiões de desaffronta.

O calaboiço é negro como o *casqueiro* que chyleia nos exercicios!

(Ouve-se ao longe um toque de corneta; o recruta corre apresado ao quartel; o toque não lhe dizia respeito):

—Se minha mãe pensaria
Pra que mo andava a criar!...

Para andar feito *mazaco*:

«Três, meia volta, marchar,

Toça á d'reita, chega á frente,

Fica firme, meu casmurro,

Une as pernas, junta os pés,

Estende as mãos, forte burro.»

E um homem nem triste pio,

Tem que ser mouco e ser mudo,

Andar a toque de caixa.

Ir se aguentando com tudol

NOTICIAS DIVERSAS

A companhia de Bombeiros tem piquete permanente na noite do dia 24, para de prompto

apagar algum incendio que haja na cabeça de certa gente.

* Pelo café Mattos além do jogo tem havido trovoadas de pancadaria. *Quinci...*

* Um sapateiro, nosso conhecido, e muito do Oliveira Mattos, desgostoso com um amor mal correspondido, resolveu fixar a sua residencia em Espozende. N'aquella villa, segundo diz o Motta, preparam-se solemnes *exequias* á sua chegada.—Solar de Marrancos 23.

* Os barbeiros costumam n'estes dias ter nos seus sotãos caixas de muzica, não só para deleitar os freguezes, como para arranjarem alguns vintens para a consoada. O Mineiro querendo salientar-se entre os collegas, põe em frente á porta do seu, a muzica de Zé-Pereira.

* Sobe a una quantia avultada a subscripção aberta na rua Direita para offerecer um *Desoito* de prata ao sr. José Antonio d'Oliveira Mattos, por occasião dos Reis.

* Depois de muito trabalho e muitos remedios o Compra consegue ficar com a perna direita; assim se deprehende de um bilhete mandado ao José Nabiza: «A coisa vae-se-me endireitando.

* Amigos, patricios meus, que viestes a Barcellos ver as vossas familias na consoada: lá está no mesmo sitio o espigueiro-sacada, aquelle espigueiro que vos viu na infancia e que vos vê na adolescencia. Dizei conmigo, embora estropio's os versos de Byron: «¿Não fará este espigueiro uma parte de mim e eu parte d'elle?»

O Francisco Pegas, cornetim dos Bombeiros, cara de fome, andar de Lala, sem consciencia e sem dignidade, passou-se da banda dos Bombeiros para a Barcellense. Ingrato como o Adriano! O seu pae prohibiu-lhe a entrada em casa. Francisco, porém, accusado pela fome, chegando-lhe ás ventas o cheiro do pão fresco que a mãe cosia, entrou pé ante pé no lar domestico, como se fosse gatuno cauteloso, e pediu á mãe bôlo. A mãe, sempre é mãe, conduco-se do seu Chico, pelo vêr tão abatido, com as orelhas murchas, o rôsto da côr de germun, e deu-lhe o producto do maiz. N'esta altura o pae entra e vê-o com a bocca na botija, digo no bôlo, comendo com soffreguidão de bacorinho novo a quem faltassem as tétas ha dia e meio. «¿Que fazes aqui, malandro? ¿Tens atrevimento de me apparecer em casa?» «Vim pedir *pom* á mãe.» «Ora diz-me uma coisa: ¿quem manda mais, teu pae ou teu tio?» «O pae.» «Pois então cõna bôlo quanto quizer e á noite appareça no ensaio dos Bombeiros.»

E d'ahi a pouco o estomago do Francisco, ria com bôlo e vinho.

Morrem mais homens pela barriga que pelo ferro...



A LAGRIMA

Em Martim, terra onde ha um Santo Antonio, de Padua, natural de Lisboa, e agora ahi residente, deu-se um caso que mais parece provar ser povoação do centro d' Africa, da que collocada geographicamente entre Braga e Barcellos, tal é a ideia de civilização que existe na cachimonia d'aquelles labrotes.

Morreu um pobre velho que era pae de dois marmanjos, e como a auctoridade obriga a enterrar os mortos, e não lançal-os aos cães, foram ter com o parcho para se fazer o enterro, e ao mesmo tempo perguntar quanto custava a abertura do coval. Respondeu-lhe o padre que n'esta parte se entendessem com o coveiro. Este pede, quantia costumada, seis testões. Aham caro, e querem entrar em ajuste com o coveiro, mas como não obtivesssem redução de preço, resolvem-se a enterrar o pae pelas suas proprias mãos, abrindo o coval, descendo o caixão e carregando-o bem de terra, talvez com receio que o desgraçado, que taes filhos gorou, se levantasse a exprobar-lhes a sua feia conducta.

E quem sabe se estes makololos ainda amaldiçoaram o auctor de seus dias pelo trabalho que lhes deu para o enterrarem?

Uma vez o Daniel tinha bebido muito vinho branco n'uma certa casa da Porta Nobre. Como o vinho é diurético o homem era obrigado, a miude, a satisfazer uma necessidade imposta por Deus a certos bipedes e quadrupedes. N'uma d'essas occasiões demorara-se muito na cazinha.

— «¿Achaste-te incommodado?»

— «Não. Estou a urinar.»

Resultado. O Daniel ainda agora estaria no mesmo logar se de lá o não arrancassem, porque a agua do Borgos que ouvia cair no compartimento, extravasando do seu deposito, tomava-a por urina a descer-lhe da bexiga...

Desde que appareceram os *manipolios* é tudo falsificado e é tudo contrabando. Os malsims, avidos da parte da multa, farejam, em quantas cousas os seus olhares caem, motivo para apprehensao, e d'ahi o sequito immenso de multas, sellos, cadeia e não sabemos que mais a deslombiar o que se deixar apanhar pelas garras aduncas de taes harpias. D'aqui a pouco até o ar que respiramos é contrabando.

Na penultima quinta-feira seguia por uma rua da villa um lavrador com um saquitel, dirigindo-se para a feira.

Quatro olhos miram e remiram o sacco, e duas mãos caem sobre o incauto lavrador:

— «¿Está você preso!»

— «¿Porquê, senhores?»

— «¿Ainda o pergunta? Não sabe que leva um sacco de polvora, que é contrabando, por causa do *manipolio*?»

— «Os senhores enganam-se. Isto é semente de nabos. Ora sebo!»

— «E' bom porém que lhes diga
Que a coiza é calva de mais;
¿Contrabando a semente
Dos nabos nacionaes?»

Poucos ha que aereditem
Em tamanho disparate:
Quem a isso chama polvora
Chama pepino ao tomate.

A multa, juro, não pago
Nem que me leve o diabo
Embora vocês me fiquem
Com a semente do nabo.

Façam lá o que entenderem
Mas olhem que é illegal
Pagar multa da semente
Do nabo nacional.

Inda podia passar
Da multa ao negro furor,
Que cubiçassem o nabo
Mas quando 'stivessê em flôr.

¿A vocês não lhes parece
Que é uma grande injustiça,
Quererem multar o nabo
Antes de dar a nabiga?

¿Trago a bola tão repleta
De multas e apprehensões,
Que até já me cheira á polvora
A semente dos... inclões!»

Dizem alguns escriptores religiosos—em ar politico—que a ultima victoria de Cuba foi devida á intervençao da Virgen.

¿Ora não é a Virgen Santissima Mãe dos de Cuba e dos de Hespanha?

... Nem que a liberdade, que tão artisticamente pinta o padre Senna Freitas, não fosse filha de Deus...

... Venha de lá um raio de inspiraçao ou um raio dos outros...

Na loja do Manuel Macedo entra, perseguido por um inesperado chuveiro, o nosso amigo José da Graça Faria. Atraz d'elle chegam um, dois, tres, muitos individuos. Depois de grande cavaco—cavaco alegre e desprooccupado em que o Pote mettia a sua colherada ingenua e desgrammaticada—como achasse *horas de cama* o Faria retirou-se. O Alberto Guimarães por ironia dirige-se-lhe.

— «¿Queres que te acompanhe?»

— «Não. Se alguem me sair na ponte dou-lhe um tiro com um revolver que tenho em casa.»